

## FOLCLORE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

**Isabela Lemos de Lima Cascão<sup>1</sup>; Ms. Maria de Fátima Feliciano de Oliveira Peruchi<sup>2</sup>**

Estudante do Curso de Educação Física; e-mail: isabelissima@hotmail.com<sup>1</sup>

Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: fafa\_peruchi@umc.br.<sup>2</sup>

**Área do Conhecimento:** 4.09 – Educação Física

**Palavras-chaves:** Ensino Fundamental; Equilíbrio, Percepção Cinestésica, Cultura Popular, Conteúdo de Ensino.

### INTRODUÇÃO

O intuito desta pesquisa foi avaliar a relevância do Folclore Brasileiro como um dentre os diversos instrumentos de aprendizagem na Educação Física Escolar. O trabalho apresentou propostas pedagógicas direcionadas ao movimento do corpo por meio de manifestações culturais, sugerindo-as como recurso valioso para integração sociocultural e desenvolvimento de habilidades (manipulativas, locomotoras e de estabilização) e capacidades motoras (velocidade, resistência, força, flexibilidade, coordenação motora, equilíbrio, agilidade). Esta ação buscou investigar se existe importância no Folclore como instrumento de ensino que auxilie o desenvolvimento de aulas de Educação Física de maneira eficiente, eficaz e científica. Institucionalmente com esta pesquisa visou-se preencher a lacuna que existe no curso de licenciatura, bem como na literatura atualizada da área. Colaborando para auxiliar novos projetos de pesquisa na esfera escolar assim como profissionais que já atuam na área, a ministrar aulas com conteúdos ligados ao Folclore. Vinculou-se ao resgate preservado da cultura popular ainda não acumulado, buscando contribuir para que ocorresse uma redução de risco que estes hábitos e costumes não fossem transmitidos aos educandos, destacando-se a relevância social deste estudo. Interligando o Folclore à educação, Toledo (2006) alerta que pode-se por meio de práticas ligadas as estas manifestações culturais desenvolver habilidades motoras, cognitivas, sociais e de cidadania, uma vez que seus jogos, cantigas, danças, brinquedos e brincadeiras solicitam capacidades e habilidades motoras distintas para sua realização; seus jogos exigem compreensão lógica e adaptações; em geral sua execução ocorre em grupo, focando na maioria da vezes a cooperação e integração, além do intercambio cultural. A mesma autora ainda afirma que a escola como instituição formal que dissemina a cultura popular que também é identidade de um povo, tem papel fundamental neste processo. Ferreira (2005) associa a capacidade de expressão corporal à utilização do corpo como instrumento comunicador e traz a escola como responsável por iniciar este processo por meio de atividades que desenvolvam a expressão comunicativa dos alunos e cita como exemplo destas atividades a dança, a mímica, o canto, as brincadeiras e demais atividades rítmicas. É necessário que haja progresso no processo de tomada de consciência do próprio corpo, para que a criança desenvolva sua personalidade de maneira que seja possível reconhecer-se como um ser capaz de analisar as próprias possibilidades de agir e modificar o mundo a sua volta. A indagação quanto à formação dos licenciados em Educação Física relacionada a capacidade dos mesmos em desenvolver o tema Folclore na escola é respondida pela autora Toledo (2006) quando aponta que na formação destes profissionais há pouca valorização ao estudo da antropologia e cultura,

consequentemente, pouca atenção é dada ao Folclore. Gallahue (2005, p. 298) afirma: “Os componentes da aptidão motora podem ser agrupados em fatores de controle motor e fatores de produção de força”. Por meio de jogos e brincadeiras Folclóricas trabalhou-se os fatores de controle motor equilíbrio e percepção cinestésica que, conforme afirmam Carnaval (2002); Marins e Giannichi (2003, apud Johnson & Nelson, 1979) vem a ser respectivamente a capacidade de combinar ações musculoesqueléticas que assumam e sustentem o corpo em posição estática eficaz; e a aptidão de perceber a disposição, o esforço e movimento de uma parte ou de todo o corpo, em uma ação muscular.

## **OBJETIVOS**

Verificar os jogos e brincadeiras Folclóricas no auxílio da melhoria no equilíbrio estático geral; avaliar se o Folclore pode auxiliar a criança a conhecer o próprio corpo através de jogos e brincadeiras melhorando a percepção cinestésica e comparar os resultados do pré e pós-teste dos dois grupos, controle e intervenção.

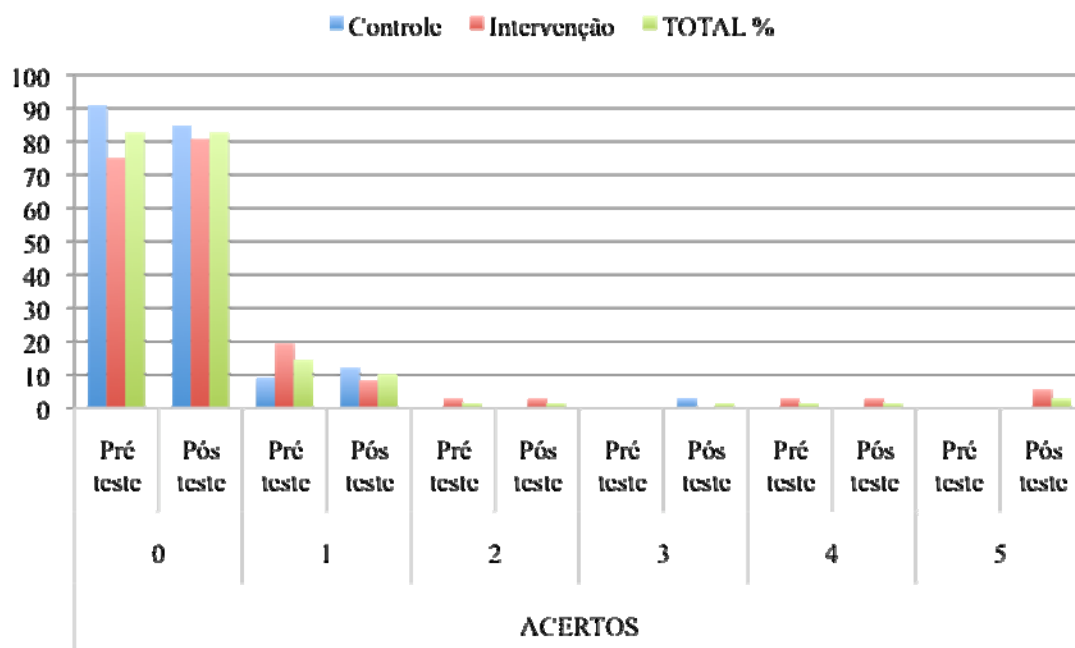
## **METODOLOGIA**

Participaram desta pesquisa, 69 alunos com idades entre 6 e 8 anos de uma escola privada do Alto Tietê, que cursam o 2º ou 3º ano (antigo 1ª e 2ª série) do Ensino Fundamental. Foram utilizados dois testes, um para avaliar o equilíbrio estático geral e outro para avaliar a habilidade de percepção cinestésica. Para realização dos mesmos utilizou-se uma trave de equilíbrio e um cronômetro Timex Ironman Triathlon. Já para a realização do teste de percepção cinestésica foram utilizados um óculos de natação, com suas lentes encobertas com fita isolante, de forma que o mesmo tornou-se um óculos cego, giz, fita crepe e fita métrica. Foram elaborados 08 planos de aulas com atividades Folclóricas (jogos e brincadeiras) distintas, que foram executadas entre os períodos pré e pós-teste do grupo B da pesquisa. Após autorização do comitê de ética sob o processo nº 127/2009 e inscrição no CAAE: 0126.0.237.000-09, crianças de escola privada de Mogi das Cruzes de quatro turmas diferentes e que tinham suas aulas de Educação Física em horários distintos foram divididas em dois grupos, denominados grupo de controle (A), composto por alunos das turmas de 2º e 3º anos A e grupo intervenção (B), composto por alunos das turmas 2º e 3º B. O grupo A participou do pré e pós-teste e manteve as atividades regulares do cotidiano de crianças dessa faixa etária e as aulas de Educação Física oferecidas pela escola. Já o grupo B realizou o pré e pós-teste e as aulas de Educação Física foram substituídas pelas aulas com atividades direcionadas de jogos e brincadeiras Folclóricas mencionados nos objetivos específicos desta pesquisa. Foi solicitada autorização à diretora da referida escola, em um documento que explicava todo o processo para realização da pesquisa incluindo os 08 planos de aulas planejados. Também foi necessária a autorização dos pais ou responsáveis por meio de assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Flamingo Balance Test (Marins e Giannichi 2003, apud Eurofit, 1998) é um teste de equilíbrio em que a criança deve ficar com a perna dominante estendida e apoiada na trave de equilíbrio e deve flexionar o joelho da perna livre para trás, segurando-a com a mão do mesmo lado. O outro braço deve ser usado para manter o equilíbrio. O aluno segurou-se no antebraço ou ombro do avaliador para assumir a posição correta e foi orientado a olhar para um ponto fixo indicado pelo avaliador. O teste começava quando o aluno largava o antebraço ou ombro do avaliador. O testando deveria manter-se em equilíbrio por 1 minuto. Cada vez que o mesmo perdeu o equilíbrio, isto é, quando soltou a perna livre ou quando tocou o solo com qualquer parte do corpo, o teste foi interrompido (travava-se o cronômetro). Após cada queda, foi repetido o mesmo procedimento até completar 05 tentativas,

havendo ou não êxito (permanência de 1 minuto) em suas realizações. O segundo teste utilizado nesta pesquisa avaliava a percepção cinestésica dos dois grupos. Para tanto, foi realizado o Distance Perception Jump (Marins e Giannichi 2003, apud Johnson & Nelson, 1979) que consiste em o aluno ser instruído a ter uma noção da distância entre as duas linhas, com espaço interior entre elas de 61 centímetros, sem realizar o salto. Foi colocado um óculos de natação cego no aluno e este executou um salto, partindo da posição em pé, membros inferiores em ligeiro afastamento lateral, atrás da linha de partida, tentando aterrissar com o calcanhar o mais próximo possível da linha alvo. Foi permitido ao aluno verificar o local da aterrissagem após cada tentativa. Foram executadas três tentativas. Ambos foram utilizados para coletar dados prévios (pré testes) à intervenção de aulas com jogos e brincadeiras Folclóricas e posteriores a mesma (pós testes). Os dados quantitativos obtidos foram analisados estatisticamente intra e inter grupos. Tanto para o Flamingo Balance Test, quanto para o Distance Perception Jump utilizou-se o teste de D'Agostino Pearson para verificar a normalidade dos resultados e Wilcoxon para analisar se ocorreram mudanças estatisticamente significantes entre os dados de pré e pós teste, ou seja, intra grupo. A relação entre os dados obtidos no pós teste dos protocolos Flamingo Balance Test foi analisada pelo Anova e o mesmo ocorreu com o Distance Perception Jump. A margem de erro para a área estudada foi de 0,05.

## RESULTADOS e DISCUSSÃO

Identificou-se após procedimento de análise estatística que os dados obtidos em ambos os grupos não são paramétricos.



**Figura 1 – Teste de Equilíbrio**

O dados da Figura 1 demonstram que nos dois grupos testados a incapacidade de realizar ao menos uma tentativa completa do teste foi comum aos dois grupos, representados por 82,6% do total. Observou-se que o grupo de intervenção (B) foi o único a realizar por mais de um testando o teste com êxito em 5 tentativas sendo representados por 2,9%. Para verificar se havia diferença estatisticamente significativa aplicou-se o teste de Wilcoxon e os resultados não demonstraram significância, observou-se que ao realizar satisfatoriamente um tentativa, os testandos sentiam a musculatura da perna dominante fadigada. Quanto à análise inter grupos o teste Anova,

não apresentou significância estatística, sugerindo desta forma que a amostra pesquisada não estava apta a realizar o teste aplicado. O componente de aptidão motora equilíbrio, que segundo Gallahue (2005) pertence ao grupo de controle motor, não demonstrou estar maduro no grupos testados, uma vez que os participantes desta pesquisa, em sua grande maioria não conseguiram combinar ações musculares que sustentassem seus corpos contra a lei da gravidade sobre uma trave estática por pelo menos 1 minuto contínuo, conforme protocolo publicado em Marins e Giannichi (2003, apud EuroFit,1998). Em relação ao teste de percepção cinestésica, Distance Perception Jump, a análise dos dados intra grupos gerada pelo teste Wilcoxon, pode-se notar que embora 36, 2% dos testandos tenham acertado o alvo desejado, não houve representação estatisticamente significativa. Da mesma forma a relação inter grupos realizada por meio do teste Anova o resultado obtido não confirmou significância. Quando Ferreira (2005) associa a capacidade de expressão corporal à utilização do corpo como instrumento comunicador, ela responsabiliza a escola por iniciar este processo. Desta forma havendo estímulo, haverá progresso no processo de tomada de consciência corporal que se reflete na percepção cinestésica que como conceituam Marins e Giannichi (2003, apud Johnson & Nelson, 1979) é a aptidão de perceber a disposição, o esforço e movimento de uma parte ou de todo o corpo, em uma ação muscular.

## **CONCLUSÕES**

Conclui-se que os participantes escolhidos para realização do teste de equilíbrio não eram capazes de realizar o teste, o não conhecimento sobre a maturidade motora do grupo pode ter levado a este resultado. Quanto ao teste de percepção cinestésica, concluiu-se que a prática de jogos e brincadeiras Folclóricas pelo período de 4 semanas não representou melhoria na execução do teste. Desta forma, recomenda-se que aumente o período de intervenção em um próximo estudo e ainda, que se controle melhor as variáveis que podem interferir no teste de equilíbrio.

## **REFERÊNCIAS**

- CARNAVAL, Paulo Eduardo. Medidas e Avaliações em Ciências do Esporte. 5<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- FERREIRA, Vanja. Dança Escolar: um novo ritmo para a educação física, Rio de Janeiro: Sprint, 2005.
- GALLAHUE, David L., OZMUN John C., Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes, adultos, revisão científica de Marcos Garcia Neira; [tradução de Maria Aparecida da Silva Pereira de Araújo, Juliana de Medeiros Ribeiro, Juliana Pinheiro Souza e Silva]. 3<sup>a</sup> ed., São Paulo: Phorte, 2005
- MARINS, João Carlos Bouzas; GIANNICHI, Ronaldo Sérgio, Avaliação e prescrição de atividade física: guia prático, Rio de Janeiro: Shape, 2003.
- TOLEDO, Eliana de. O Folclore na escola: um esquecido, porém precioso, conteúdo da Educação Física. In: MOREIRA, Evandro Carlos (Org.). Educação Física Escolar – desafios e propostas 2. Jundiaí: Fontoura, 2008, p. 61-104.